

ALBERTO SOUTO

# A Paíſagem e o Homem na grande região aveirense

Interpretação geográfica da paíſagem física.  
Reflexão humana dessa paíſagem. Sua corre-  
lação com a polimorfia estrutural da Beira-Mar

bibRIA

(Esboço de uma síntese)

Separata do n. 1909 do jornal «O DEMOCRATA»

Na altura da vida mental em que me encontro, as longas descrições horro-  
rizam-me literariamente.

Pelo contrário, seduzem-me as sín-  
teses.

Se as não consigo, esforço-me por  
elas.

O esboço que se segue, representa  
a revisão, actualizada, de observações,  
reflexões e estudos de um quarto de  
século. ...

\* \* \*

Ouvi dizer um dia ao grande es-  
tatuário Teixeira Lopes, no jardim de  
Jaime de Magalhães Lima, numa roda  
de amigos e admiradores onde pon-  
tificava António Arroio e dos quais  
só o professor Silva Rocha e eu vi-  
vemos:

—Penso como Rodin. A beleza do  
homem está no esqueleto. Os múscu-  
los são o ornamento da ossatura!

Já tenho citado e repetido isto,  
mas tão luminosa é a observação  
que me sugeriu esta síntese e dela  
me socorro transportando-a para as-  
suntos geográficos como o que funda-  
mentalmente constitui o tema que, em  
forma quasi definitiva, entrego à le-  
itura pública.

Em verdade, analisando o segmen-  
to litoral do extremo ocidente eu-  
ropeu, compreendido entre o Douro  
e o Mondego, sou naturalmente leva-  
do a parafrasear o ditame dos dois  
gloriosos escultores, depois de o apli-  
car à geografia regional.

Suponho-me em estação na Meia-  
Laranja, cabeça do molhe sul ou de  
Luís Gomes de Carvalho, na Barra

de Aveiro, de costas para o Atlânti-  
co, mirando a nordeste, nascente e  
sudoeste os altos da cumiada que fe-  
cha o horizonte e nos separa do país  
duriense, da Beira-Transmontana e da  
Beira-Alta.

Daqui até aos montes de Romariz,  
ao pináculo da Freita, ao Arestal, às  
Talhadas, ao Caramulo, Bussaco e  
Cabo Mondego, a terra sobe, mas por  
degraus suaves que são a princípio  
muito extensos.

Aqui perto, indecisa ainda no rít-  
mo das marés, mal emerge da pla-  
nície aquosa, espumadecente e in-  
quieta do Oceano, junto do qual é  
areia e lodo, volúvel e infirme. De-  
pois forma um estrado, estende-se e  
eleva-se, adensa-se e firma-se e quan-  
do chega à raiz do dorso desses va-  
galhões petreficados que são as mon-  
tanhas, já é—rocha dura!

Que mistério é este? Meditando-o,  
pode concluir-se:

—A belesa da terra está na geo-  
logia.

A paisagem é apenas um aspecto  
fisionómico, meramente exterior, de  
um complexo geográfico.

Para bem se compreenderem aque-  
las formas superficiais da terra que  
pela sua combinação, pelo seu rele-  
vo, pelo colorido próprio e pela cor  
resultante do revestimento vegetal e  
das modificações humanas, produzem  
em nós o sentimento admirativo que  
chega ao extasi do panorama, é in-  
dispensável penetrarmos nas suas en-  
tranhas e dissecarmos os seus elemen-  
tos. A paisagem, assim considerada,  
torna-se o complemento da geologia es-  
tratigráfica e estrutural e a face viva



de uma herança de longínquas formas e incontáveis transformações.

\* \* \*

A 40° 40' de latitude norte na costa oriental do Atlântico, pouco mais ou menos entre os paralelos de New-York e Boston, a região portuguesa que nós apelidamos de Beira-Mar e que tem o Vonga por eixo e Aveiro por centro e capital, apresenta um aspecto singular e imprevisto não só de profunda beleza, mas também de vida tão intensa e diversa da restante de Portugal que, como observou António Arroio, ninguém poderia suspeitar da sua existência num país como o nosso.

Porquê?

A' primeira vista tôda a gente afirma que o encanto desta região provém apenas da Ria e frequentes são os erros dos que supõem que tudo aqui foi sempre e é apenas uma ria.

Porém, a Ria de Aveiro está engastada num anfiteatro de planuras, colinas e serranias que são, afinal, pelo seu contraste, o segredo da gama dos modelados e da espantosa policromia que constituem a sua riqueza e a sua beleza.

Mas as serras e os vales, os campos e as planuras, os rios e os estuários, as areias e os alcantis, as rochas e os sedimentos, são simultaneamente causas actuais e produtos históricos de fenómenos complicados.

Os seus fastos e anais, os seus arquivos e legendas, pertencem à geologia, nobilíssima e apaixonante ciência que é, ao mesmo tempo, a geografia do passado e a história da geografia do presente. Sem o seu auxílio podemos vêr, mas não podemos compreender.

Para Junqueiro, o mar era mais belo depois de devassado pela ciência. Também a terra é mais bela e a sua beleza mais edificante, se nós conhecermos a sua anatomia e soubermos explicar as suas origens, a sua evolução e as suas vicissitudes.

A Ria de Aveiro é, em verdade, uma fonte inexgotável e imensa de riquezas e sensações encantadoras.

António Arroio definiu-a assim numa frase célebre que eu me encarreguei de dissimular: «*um polipo colossal que se divide em infinitos braços e penetra pelo interior das terras desde os palheiros de Mira, em 44 kilometros da costa, e transversalmente numa largura máxima de 10 kilómetros*».

Constitue um aparelho litoral bem digno de estudo no âmbito das ciências da terra, considerado por J. Dautin Cereceda como o acidente mais notável das costas peninsulares do Atlântico, sem semelhança em todo o restante litoral ibérico, embora outros acidentes pareçam assemelhar-se-lhe.

E' um aparelho geográfico fundamentalmente diverso das rias da Galiza que são vales de afundimento simplesmente invadidos pelo mar, e pode etiquetar-se com os *haff* do Báltico e os *lidos* italianos da costa do Adriático. Separada do oceano pelo cordão arenoso que se alinha entre as pedras do norte de Espinho e a ponta do Cabo Mondego, comunica com o mar pela abertura de uma barra estabelecida pela engharia e abriga no interior um labirinto de canais, lagos, esteiros e um arquipélago de ilhotas onde desaguam vários rios dos quais os prin-

cipais são o Vouga e o Antuã que esbracejam ainda pelos restos de deltas em decrepitude e artificialmente modificados.

A Ria de Aveiro não é um fiord, nem um vale afundido como qualquer das rias da Galiza originadas no abaixamento de conjunto das terras peninsulares de oeste com correlativo levantamento do interior da mezeta, fenómeno que se deu depois do Oligoceno e que, certamente, teve lugar por intermitências, algumas das quais em pleno Quaternário.

A Ria de Aveiro é simultâneamente devida a oscilações do nível do mar e do litoral e a erosões fluviais e marinhas e a acumulações arenosas do vento, dos rios e das ondas e a longas colmatagens e preenchimentos torrenciais e lagunares.

A que época da história da terra remonta a sua formação? E' difícil responder e precisar.

Mas da própria enumeração das suas causas e agentes construtivos se infere que ela não é mais que o produto lento de um demorado labuto de milénios, a resultante de uma prolongada luta entre as terras e as águas e devida a alternancias de níveis do continente e do oceano, a soluções de isostasia, a movimentos epireignicos com estádios diversos na sua evolução. Esta veio certamente desde o recuo geral do mar após o Vilafrankiano (Carrington da Costa) e distendeu-se pelos tempos históricos, prosseguindo nos presentes. Investigando, aqui há 25 anos, as suas origens, marquei-lhe três ciclos: o da erosão ou de preparação, o de preenchimento ou de estabilização e o deltaico ou lagumar, que representa já uma decadência. Novas ideias e descobertas geológicas vieram neste quarto de século ampliar e orientar

os nossos conhecimentos, mas, essencialmente, esses três ciclos continuam a admitir-se.

O primeiro deve ter decorrido nos fins da era terciária, depois da rotura do Atlantico do Norte e do aparecimento dos invernos, quando uma especial incidência dos ventos de noroeste e de uma corrente atlântica, aparentada com a actual corrente de Renel, escavou o continente cenozoico que se estendia mais para oeste, porventura unido com a América, e formou o grande chanfre ou grande golfo entre o Douro e o Cabo Mondego, que hoje se encontra atulhado pelos areais da costa e pelas dunas fossilizadas mais do interior.

Baseando-me em Macferson dissera eu no meu estudo de 1923 ser flagrante a correlação existente entre a orientação do curso do Certoma com o segmento inferior do Vouga, a linha da primitiva costa marítima de Espinho—Ovar a Angeja e Loure e mesmo a de Cacia—Aveiro—Ilhavo Vagos, Mira, Tocha, Quiaios—e as grandes fracturas peninsulares. Mas não me era possível dizer tudo. Choffat também não conseguira uma cabal explicação. O sr. Ernesto Fleury, no seu trabalho sobre as plissuras hercínias, veio fornecer-nos possivelmente a chave do enigma, elucidando o ponto obscuro, pois revelou a dobra hercínica que vindo do noroeste segue exactamente o baixo curso do Vouga. Verifica-se assim que os accidentes tectónicos e os fenómenos geocinéticos tiveram, como eu afirmára, um grande papel no ciclo de escavamento, pois os agentes erosivos encontraram aí os pontos fracos propícios à sua acção.

A meu ver, no caso de querermos entrar em conta com a teoria de Wegener, a translação continental,

que se teria operado depois do Plioceno, não contradiz o exposto.

A isostasia e a coalescencia, explicariam, até, admiravelmente, os problemas do desaparecimento das terras de oeste, sem as quais não é facil compreender-se a extensão e regularidade dos depósitos mesozoicos continuados na sua horizontalidade pelos dos tempos post-pleiocénicos da nossa grande plataforma das cotas inferiores a 100 metros.

No Pleistoceno ou no Homozóico, deu-se inegavelmente, um grande desequilíbrio nas terras interiores e, no decurso do Quaternário, indubitavelmente, produziram-se várias oscilações do nível relativo do oceano, de dois resultados finais muito nítidos.

O mar tornou-se base atractiva dos perfis longitudinaes dos rios, cujos talwegs terminais baixaram aos 30 metros negativos.

A planície, hoje elevada de 20 metros nas arribas de Estarreja a Aveiro, Ilhavo e Vagos e a 80 metros nas cercanias mais afastadas de Aveiro, parece-me corresponder a um vasto terraço deixado a descoberto pela regressão geral do mar no fim das glaciações quaternárias. Esse terraço liga-se com a plataforma de Espinho a Estarreja, Angeja, Bairrada. E' o grande estrado que não excede 100 metros. E' bem provável que, quando se extinguíram os grandes proboscídeos e o homem paleolítico viveu nas imediações do vale do Certima, na Pampilhosa e Mealhada, únicos pontos do distrito onde se recolheram os seus vestígios, se tenha também erguido a leste a serra do Caramulo (Amorim Girão) e sofrido um alçamento tóda a orla montanhosa das margens do Vouga, o que explicaria os leitos torrenciais das ribeiras serranas e as suas marmitas de gigantes.

Torrentes muito mais impetuosas que os rios e riachos actuaes, rasgaram os vales nas terras abandonadas pelo mar ou soerguidas; esses vales colmataram-se a seguir e formou-se, então, com a sequência de uma forte sedimentação terrígena e arenosa, no remanso das águas do golfo, já tranquilo pelo afastamento do Oceano e da corrente costeira, o delta do Vouga.

Estamos nos tempos flandrianos.

A ria, tal como hoje a conhecemos, não existia ainda, mas as areias vomitadas pelo Douro, as que Carlos Ribeiro considerou devidas aos últimos movimentos de oscilação do litoral (movimentos epieigénicos) e as que o professor Freire de Andrade attribue ao destróço das terras da orla sedimentar, vieram a fazer emergir restingas e baixios e a acumular dunas que formaram primeiro a Murtoza—que já assim era na época dos megalitos e na idade do bronze, e a Gafanha, velhos areais transformados hoje pelo labor do povo em riquíssimos celeiros, e depois, o areal da costa, relativamente recente, onde assentam as praias tão pitorescas do Furadouro, Torreira, S. Jacinto, Barra, Costa Nova e Mira. São as formações flandrianas que se caracterizam por uma transgressão marinha que prosegue ainda.

Está então constituída a laguna—a Ria—diferindo em detalhes, com multiplas vicissitudes devidas à inconstância da sua comunicação com o mar, sofrendo crises, mas mantendo a fisionomia deltaica e lagunar que hoje lhe conhecemos.

\* \* \*

«Provavelmente, diz António Arroio, em outra frase muito conhecida e que eu fui buscar às «Notas sobre Por-



*tugal, pela extensa superfície de evaporação de centos de hectares de água salgada, toda esta região se distingue do norte do país pela luz irisada que a banha e de momento a momento muda de tom.*

Água e terra, terra ou água, agora terra e daqui a pouco água e vice-versa, a Ria de Aveiro e as suas margens apresentam-nos uma paisagem física e humana, típica, originalíssima, que nos enche de vivo prazer e nos atrai como a sombra da manzanilha e onde o homem, adaptando-se ao meio é como um anfíbio—lavrador e marinho (Oliveira Martins), guiando os bois em terra e o barco na ria, amanhando a marinha, donde extrai o sal alvíssimo, e amanhando a terra, donde respiga o trigo e o milho e o arroz, e donde colhe as batatas e os legumes, o vinho e as frutas em produção maravilhosa de intensa pluricultura. Planura imensa, branca, azul e verde, vista lá do alto das serras, ou mesmo do meio dos praiões nos dias quentes em que se forma miragem, causa-nos enleio por não saber a gente onde acaba o domínio da terra e onde começa o império do mar.

Brilham no seu seio os canais, os montes de sal, as velas brancas dos barcos de caprichoso feitio.

Porém, a beleza da região aveirense, vouguense e beiramarinha, não está apenas nesta cõr local e nesta fisionomia lagunar.

Nem é esse apenas o elemento exclusivo da sua actividade económica se bem que seja o dominante. Logo acima da ria, fimbriando-a, está, como vimos, o segundo degrau da terra, o tal terraço e a tal plataforma, orla dos terrenos meso-cenozoicos em cuja escavação pelos mares post-terciários se estabeleceu a laguna.

E são os milheirais extensos e os pinheirais infindos, alguns surgidos das gândaras, que Luís de Magalhães admiravelmente surpreendeu na vista da estrada da Barra, numa descrição magistral. Depois, deixados os terrenos sedimentares do Moderno, do Quaternário, do Terciário e do Secundário, surgem em terceiro e quarto degraus, as formações xistosas e as metamórficas e cristalinas do Algonquico, do Ante-Cambrico, do Arcaico, com os gneisses, os micaxistos, as quartzites e os granitos, por onde se inveteraram os vastos filões mineiros que alimentaram importantíssimas explorações hoje decadentes.

O grande eixo mineralógico dos jazigos de metais e de nascentes termais que deram lugar a alguns centos de registos, coincide com o eixo do vale do Caima entre Azemeis e a Sarnada e do Cértima até ao Bussaco.

Porque o Caima, que ao descer do planalto árido e pedregoso de Albergaria das Cabras se atira dum salto de 70 metros, na alucinante *Flecha da Misarela*, aproveitou apenas no seu curso inferior um extenso vale tectónico que passa no Bussaco e termina no Douro.

As torturas da terra ao longo dessa extensa valeira fracturada e eivada de filões mineiros são bem visíveis no contorcimento dos xistos do Algonquico, no afloramento dos alinhamentos de quartzo e das quartzites que se veem entre Azemeis e a Farra e que, acompanhando de perto o Caima, condicionam as veias filonares das minas de Telhadela, Palhal, Carvalhal e Vale Maior no concelho de Albergaria e, ainda, talvez, as do Braçal, Malhada e Coval da Mó no vale do Rio Mau e Talhadas, nos concelhos de Sever e Agueda.

Quási de todo paralizaram essas

velhas explorações mineiras, exceptuando as de Nogueira do Cravo e parte do Braçal, que se seguiam no mesmo alinhamento geral. Milhares de braços tiveram de mudar de ocupação.

Estançou-se o caudal de riqueza que saía das entranhas da terra com os minérios de chumbo e prata, cobre, zinco e arsénico, alguns extraídos por poços que atingiram 400 metros de profundidade e dezenas de quilómetros na vasta rede das galerias subterrâneas.

Mas os filões talvez se não tenham esgotado, e é possível que os mercados da maquinaria e os capitais baratos permitam um dia novas tentativas. O volfrâmio foi, durante a guerra, ao norte e nordeste do distrito uma visão de El-Dourado, mas passageira. Terrenos, certamente metalíferos, ao sul do Vouga talvez mereçam uma prospekção criteriosa de técnicos, semelhante ao que se está fazendo no sector da hidráulica agrícola.

Em baixo, perto do mar, a geologia até hoje só tem fornecido à indústria o barro, algum gesso, cal, areia e pedregação. As olarias são clássicas, porque os barros abundam. Todo o sub-solo é argila que em muitos pontos aflora, patente e desnuda, e pela Bairrada algum calcário, do Jurássico.

A Vista-Alegre à beira da ria, utilizou os caolinos de Ovar e Vila da Feira, a argila refractária da Aguada, o barro de Horta, o feldspato da Beira. Depois, onde os depósitos interiores de argila o permitiram, as fábricas subiram os degraus do solo e foram até Agueda e Albergaria a Nova. Em Ossela, ainda, num recôncavo dos montes, os pucareiros resistem com a sua roda, comunicando bucolismo ao barro negro de um depósito avulso, como em Molélos,

além do Caramulo. Ao norte a paisagem mineira modifica-se. Sobre o Douro, os carvões fósseis deram a grande exploração do Pejão que Portugal quasi ignora.

Como as outras indústrias mineiras fraquejaram vergadas ao peso dos encargos, e esvaziamento dos filões acessíveis, vieram as fundições que formam hoje indústria nova entre nós, prestigiosa e valiosíssima.

Como a terra é pouca para tanta gente, o povo industrioso fez-se industrial sobretudo ali ao norte. As fábricas de vidros de Azemeis atingiram perfeição tal que já floresçam em arte; fabrica-se papel em Vale Maior e Azemeis sobre o Caima, bem como polpa de papel; aproveitam-se os eucaliptos, a lenha dos pinheirais, a energia eléctrica da rede e a mecânica produzida pelas quedas de água e pelos motores. No norte e nordeste do distrito, no concelho da Feira, entre o rio Ul e o Douro, em Azemeis e S. João da Madeira, principalmente, há a paixão da indústria. E' a aldeia fábrica, é a vila oficina, é a cidade industrial da região!

Na Gandara e na Bairrada é o Mesozoico que fornece o calcário; a cal e a areia dão os adobes; com os adobes erguem-se as casas e os muros de toda a Bairrada e da Beira-Ria. Nos altos utilizam-se o xisto, o gneiss e o granito; as construções tomam outro aspecto, as aldeias diferente fisionomia.

Todas as vistas que se nos depa-ram são outras tantas surpresas e algumas são maravilhas como as dos vales de Agueda, de Sever, de Cambra e de Arouca que nos despertam a ambição do dom da ubiquidade, pois todos nos cativam, e nem sabemos qual preferir, tão ricos são de aspecto e colorido e gentileza e graça.

Mas a beleza e a riqueza da região, como se verifica, dimanam do polimorfismo geográfico e geológico, das rochas variadas, do arranjo estratigráfico, da tectónica e do modelado e da rede fluvial, de que resultaram uma exposição geral anfiteátrica ao oceano, uma orografia complicada e hidrografia labirintica em que, a cada passo que damos, se nos depara uma côr local imprevisita, um tom diferente, um sabor peculiar, uma faculdade nova, uma aptidão inesperada.

\*\*\*

E', em verdade, tormidavel êste anfiteatro de plainos, colinas e montanhas que termina nos cimos do Bussaco, do Caramulo, das Talhadas, do Arestal, da Freita, alturas donde se divisam quatro cidades: Aveiro e o Porto, Viseu e Coimbra e um tratto de mar que vai de Leixões para além da Boa-Viagem! Na linha divisória e de contacto da meseta ibérica com a orla sedimentar, onde ruborejam os gres vermelhos do pseudo-Triassico, linha que se orienta de noroeste a sudeste, as colinas de Estarreja, Angeja e Agueda iludem quando as encaramos do poente, porque as supomos consequência de dobramentos, quando não são mais que rebordos de uma plataforma erotida e profundamente ravinada pelas águas dos tempos geológicos recentes.

Já no terceiro e quarto planos há verdadeiros montes e montanhas correspondendo a accidentes tectonicos que convulsionaram os terrenos arcaicos, algoquitos, paleozoicos, xistosos e graníticos, terrenos êsses que vão de arranco em arranco e de abismo em abismo, desde as margens poéticas do Agueda, e dos ator-

mentados meandros do alto Antuã e do Caima e do Alfusqueiro, até aos cumes das serranias que em Albergaria das Cabras e nas margens do Paiva e do Teixeira atingem asperidades de pesadelo.

Nas ilhargas das serras, descendo-se para os vales, vê-se que a humidade ida do mar se condensa ao contacto com a encosta da montanha; o homem aí desdobrou a terra em socalcos; verdejam os lameiros, abundam os pascigos e rememora-se o Minho das vinhas de enforcado, modalidade que se não enxerga mais ao sul do Vouga.

A paisagem resulta assim polymórfica, como a terra, variadíssima, verdadeiramente teatral, com mutações constantes de encenação.

O habitante que, com vários cruzamentos, descende dos neolíticos, dos castros lusos e dos vilares romanos e dos aldeamentos mosarabes, agarrado ancestralmente à terra, numa perfeita simbiose com o solo em que vive ou num curioso mimetismo com a paisagem que o envolve, é, afinal, como a própria terra; desdobrou-se em formas várias, desenvolveu aptidões diversissimas e proliferou espantosamente. A sua densidade é das mais elevadas de Portugal e de toda a Europa.

Na costa foi pescador como os da Murtosa, enxameou com colónias varinas na capital e noutras terras de além-mar; foi marinheiro como os de Ilhavo e correu o mundo nas aventuras do navêgo; foi artífice, maroto e artista e quedou-se, como os de Aveiro, a rêr o sal e a contemplar a placidez da água dos canais no intervalo das procissões; foi negociante hábil e poupado como os de Ovar; vinhateiro como os da Bairrada; miueiro como os de Sever,



de Arouca e Paiva; industrial como os da Feira, Azemeis e S. João da Madeira. E no preparo dos vinhos, no grangeio das terras, no modelado das cerâmicas, na construção dos barcos e dos navios, nas fundições de vidros e metais, na salinagem, nas pescarias do alto, nas chapelarias e multiplas oficinas e fábricas, na criação dos gados, o incola desta terra mostrou ser da mais variada habilidade, prestando-se a todo o trabalho digno e proveitoso, num labor constante que exerce por prodigiosa capacidade de inteligência e adaptação aos mais variados interesses.

Espantosa polimorfia social!

Fatalismo geográfico?

Longe disso, suponho antes ter previsto, ao prescrutar os segredos desta terra variegada, uma teoria de conformismo entre o solo que cria o

habitante e as aptidões do homem que habita o solo, e de tal sorte que esses dois elementos — *Terra e Povo* — geram um verdadeiro binário das respectivas correntes de energia geral, resultante que pode defenir-se assim: — uma grande colmeia em progresso, onde, desde remotos tempos, o homem se agregou e arreigou e continua arreigado para viver e progredir, honrando e servindo bem a grande Pátria que se chama — Portugal!

\* \* \*

Necessário é, e cada vez mais, que se lapide bem a alma una na diversidade das facetas; e que quem quiser ser dirigente na região a estude bem para bem a compreender e poder servir, guiando-a de forma a resultar da sua polimorfia a grande beleza de uma grande unidade!

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

REGISTO N.º 5298

ALBERTO SOUTO



bibRIA

(Espócio de uma síntese)

Deposito de n.º 1909 de 1909 ao Jornal "A Democracia"

# bibRIA

